

Escola sem rosto: a melancolia dos vínculos frágeis em *O substituto*, de Tony Kaye¹

Tania Mikaela Garcia Roberto (*)

1 A escola no olhar de Tony Kaye

Lançado em 2011, o filme *Detachment* – intitulado no Brasil como *O Substituto* –, dirigido por Tony Kaye e estrelado por Adrien Brody, inscreve-se na tradição dos dramas psicológicos escolares, mas se diferencia por romper com a narrativa característica de superação atribuída a esse gênero. O título original é de grande potência simbólica: *detachment* remete tanto ao desapareço e ao desligamento emocional quanto à indiferença e à alienação, além de carregar o sentido institucional de deslocamento temporário de função, que dialoga com a condição do professor substituto. O título em português reduz o conceito apenas à função do protagonista, levando à perda da polissemia do termo original e apagando a dimensão existencial da obra. Ainda que houvesse a tentativa de uma tradução fiel, dificilmente ela daria conta da densidade semântica de *Detachment*, entretanto, e, nesse sentido, a escolha acaba seguindo a característica recorrente das adaptações brasileiras, que priorizam o apelo comercial, a simplicidade imediata e a ressonância cultural sobre a literalidade da tradução.

Diferente de produções que retratam o professor como herói capaz de transformar integralmente a vida de seus alunos, o longa de Tony Kaye traz uma visão mais realista e, por que não dizer, trágica da docência e do território escolar. Nesse sentido, a escolha de Adrien Brody como protagonista é acertada: sua interpretação confere ao personagem Henry Barthes um tom angustiante de melancolia, traduzido em silêncios e olhares carregados de dor e profundidade, a exemplo do que já havia sido demonstrado no filme *O Pianista* (2002), cuja atuação lhe garantiu o Oscar de melhor ator. Adrien Brody tem a rara habilidade de imprimir

¹ O presente texto contou com apoio do *ChatGPT*, versão 5.2 Plus, em modo *Thinking*, como ferramenta auxiliar de pesquisa, organização argumentativa e revisão textual, especialmente na articulação interdisciplinar entre Psicologia Escolar, Filosofia, Literatura e Educação, sem delegação da autoria, da análise crítica ou da responsabilidade intelectual. O uso foi orientado pelo *Protocolo de IA Ética e Meta-autoria* (ROBERTO, 2026) e pela Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq, instituída pela Portaria CNPq nº 2.664/2026 (BRASIL, 2026).

(*) A autora tem doutorado e pós-doutorado em Psicolinguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e atua como professora associada de Língua Portuguesa do curso de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Está cursando a graduação em Psicologia na Afya Unigranrio. Contato: mikaela@ufrjr.br

com significativa expressividade no corpo e no rosto a memória do trauma, o que intensifica a atmosfera sombria e reflexiva da narrativa proposta por Kaye.

Retratar um protagonista que circula entre instituições sem nunca permanecer tempo suficiente para criar raízes reforça uma perspectiva de docência marcada pela transitoriedade, pelo desapego, pela ausência de vínculos duradouros, mas vale destacar que, no caso de Henry Barthes, a condição de professor substituto não se relaciona com incompetência ou falta de oportunidades. Ao contrário do que ocorre em contextos como o brasileiro, em que, muitas vezes, a docência substituta carrega o estigma da falta de mérito e oportunidades, Barthes possui excelentes recomendações e é reconhecido como um profissional altamente qualificado, o que se evidencia logo no início do filme. Sua permanência no regime de substituição é, desse modo, uma escolha, sustentada, ao que tudo indica, por sua dificuldade de construir vínculos afetivos duradouros. Nesse sentido, ser substituto não é apenas uma função, mas uma expressão de sua própria postura existencial: como ele mesmo revela em uma fala, na etapa final do filme, ele é “uma não-pessoa” e escolhe manter-se em trânsito, sempre de passagem, para evitar os laços que poderiam intensificar suas feridas.

O diretor do filme, Tony Kaye, é conhecido, sobretudo após *American History X* (1998), por seu estilo de direção esteticamente ousado e narrativamente provocador. Sua recusa às fórmulas hollywoodianas convencionais confere a seus filmes um caráter de denúncia e desconforto. Mais do que contar uma história, Kaye busca confrontar o espectador com dilemas sociais, éticos e existenciais. Em *Detachment*, ele recorre à melancolia para alcançar esse objetivo. A câmera se aproxima dos personagens com closes que revelam o vazio e a dor em seus olhares, e a montagem intercala momentos realistas de falas no estilo confessional de documentário com inserções poéticas, quando ele utiliza animações em giz que costuram a narrativa, criando uma atmosfera que oscila entre o documental e o simbólico, numa estética bastante peculiar.

O contexto de produção do filme também é relevante. Lançado em um momento em que o debate sobre a crise da educação pública norte-americana se intensificava, *Detachment* não se limita a retratar problemas disciplinares ou metodológicos, mas inscreve a escola como metáfora de um colapso social mais amplo. No enredo, a substituição da diretora Carol (Marcia Gay Harden) é motivada pela pressão de projetos como o “Nenhuma Criança Deixada para Trás” (*No Child Left Behind, NCLB*), que buscavam elevar artificialmente os índices de desempenho estudantil em avaliações estaduais. A menção ao NCLB, é simbólica porque esse foi um programa real, à época, nos Estados Unidos, e polêmico, já que, embora tenha produzido alguns ganhos localizados, aprofundou desigualdades, reduziu o currículo, sobrecarregou

professores e criou um ambiente escolar focado em estatísticas, segundo Dee e Jacob (2010), ao invés de focar em uma formação integral.

O filme mostra como tais iniciativas, em vez de promoverem efetiva emancipação intelectual, reduzem a escola a um espaço, muitas vezes, de cálculo e vigilância, onde professores e alunos se tornam reféns de metas numéricas. Essa lógica acaba evidenciada no filme em uma cena de reunião com os docentes, na qual um representante dessa lógica burocrática evidencia preocupações meramente econômicas ao relacionar o baixo desempenho estudantil à desvalorização imobiliária do bairro no entorno. Dessa forma, o longa escancara que o fracasso escolar não decorre apenas de dificuldades individuais de alunos ou professores, mas de um modelo educacional capturado por interesses econômicos e estatísticos, que distorce a própria finalidade da escola.

A epígrafe que abre o filme, de Albert Camus — “E nunca me senti tão profundo e ao mesmo tempo tão alheio de mim e tão presente no mundo” —, estabelece desde o início a chave interpretativa da narrativa. Todos os personagens parecem encarnar, de algum modo, esse paradoxo entre profundidade, desconexão e presença. Profundidade, porque carregam dores e consciências intensas; desconexão, porque se percebem deslocados de si mesmos, distantes da própria identidade e fragilizados em seus relacionamentos e vínculos; e presença, porque, mesmo nesse estado de desconexão, permanecem imersos no cotidiano escolar, expostos às tensões e contradições que o atravessam.

Esse movimento traduz precisamente a força do título original *Detachment*, que não se limita a um distanciamento emocional do protagonista, mas se expande como condição existencial compartilhada por todos os demais personagens, os quais estão, ao mesmo tempo, mergulhados em sua dor e distantes de si mesmos, vivendo em meio a ruínas. Essa perspectiva existencialista sugerida pela epígrafe de Camus e que atravessa a direção de Kaye aproxima o filme de uma leitura filosófica mais ampla, a qual tenho a intenção de explorar neste artigo e na qual a escola funciona como palco de um drama humano coletivo.

A opção por centrar a trama em um professor substituto não apenas reforça a ideia de precarização docente, discutida por Standing (2017), mas também permite abordar a docência como experiência transitória, em que o professor não é visto como sujeito integral, mas como peça descartável de uma engrenagem. A trajetória de Henry Barthes oscila entre o desejo de se proteger por meio do distanciamento e a inevitável aproximação afetiva de figuras que cruzam seu caminho ao longo da narrativa, como Meredith (Betty Kaye), sua aluna, e Erica (Sami Gayle), uma jovem em situação de prostituição e abandono social. Essas relações expõem as tensões entre limites e possibilidades da ação educativa: se, por um lado, o professor não é

capaz de salvar a todos, por outro, pode oferecer gestos de humanidade que podem fazer diferença na vida de alguns.

É justamente esse ponto que coloca *Detachment* em contraste com a tradição de filmes escolares hollywoodianos. A crítica de Felipe Figueira, publicada no *Jornal Noroeste* (2020), destaca que o longa evita o endeusamento do professor como salvador da comunidade. Em vez disso, apresenta a docência como espaço de conflito, limites e paradoxos, numa linha que dialoga com a leitura de Hannah Arendt (2011) sobre a crise da educação como fenômeno estrutural, impossível de ser resolvido pela ação isolada de um indivíduo. O professor substituto de Kaye, assim, não é um herói, mas um sujeito atravessado por dores pessoais e impotências institucionais. Sua presença não redime nem transforma, mas expõe os limites e contradições que marcam a realidade escolar.

Ao articular uma narrativa fragmentada, marcada por interlúdios filosóficos e referências literárias, explanadas mais adiante, Kaye constrói um filme que vai além da denúncia social. *Detachment* é também uma reflexão psicológica e existencial sobre o vazio contemporâneo, o mal-estar nas instituições e a dificuldade de sustentar vínculos em um mundo marcado pela precariedade. Nesse sentido, a escolha de abordar o filme sob a ótica da Psicologia Escolar e Educacional, em diálogo interdisciplinar com a Literatura, a Pedagogia e a Filosofia, permite compreender não apenas os limites estruturais da escola, mas também os impactos subjetivos do colapso sobre alunos e professores. Feita a contextualização da obra, é o que pretendo nesta análise crítica, primeiramente apresentando o resumo da obra e seguindo com uma análise dos personagens, de cenas relevantes do filme e de aspectos pontuados pela narrativa e atravessados por referências trazidas para o enriquecimento da reflexão proposta.

2 *Detachment*: o professor em trânsito, melancolia e vínculos frágeis

O professor substituto do filme de Kaye carrega consigo o peso do suicídio da mãe e a memória de um avô abusador, lembranças que afetam seu presente e o levam a optar por uma vida de distanciamento emocional. Desde as primeiras cenas, sua postura transmite uma combinação de lucidez e profunda melancolia: alguém consciente da importância da educação, mas incapaz de acreditar plenamente nela como território de transformação. Entender a escola como território de transformação, contudo, implica reconhecer que ela não se limita a um espaço físico, mas se constitui como campo de relações e disputas simbólicas (LANE, *apud* SOUSA, 2009; MONTERO, 2006). Nessa perspectiva, o desencanto de Henry Barthes evidencia o contraste entre sua experiência pessoal de dor e distanciamento e a potência coletiva

da escola enquanto território que, embora marcado por hierarquias, também pode abrir brechas para processos de emancipação (MARTÍN-BARÓ, *apud* SOUZA, 2024).

Ao chegar a essa nova escola, Henry se depara com um ambiente em crise. Os alunos expressam desmotivação, hostilidade e abandono; os professores, por sua vez, revelam esgotamento, frustração e cinismo. A instituição está prestes a passar por uma transição de liderança: a diretora é informada de sua iminente substituição, apesar de seu excelente currículo, como resposta a pressões externas associadas ao baixo desempenho estudantil em avaliações estaduais. Nesse cenário de ruína, Barthes acaba estabelecendo alguns laços inevitáveis. Um deles é com Meredith (Betty Kaye), aluna sensível e talentosa, mas vítima de *bullying* constante. Sua arte traduz a solidão que carrega, e o contato com Henry se torna para ela uma âncora afetiva, que se mostrará no decorrer da trama como profundamente marcada pela dependência emocional.

Outro vínculo é com Erica (Sami Gayle), jovem em situação de prostituição, com quem Henry cruza em um momento de extrema vulnerabilidade emocional e acaba, em um segundo encontro ocasional acolhendo em sua casa em um gesto desprezioso de cuidado e proteção. A relação entre ambos não é de redenção, mas de uma atração de vulnerabilidades: se ela precisa de alguém que a reconheça e proteja, ele também precisa experimentar a possibilidade de vínculo, movimento que ousa associar, ainda que de forma inconsciente, ao seu desejo de reparar a ausência da mãe, cuja memória dolorosa atravessa tão profundamente sua vida. Um terceiro laço é com a professora de matemática, interpretada por Christina Hendricks, que encarna a vulnerabilidade de muitos docentes solitários e desamparados pelo sistema. Comprometida e dedicada, mas sem outros apoios em sua vida pessoal, ela projeta na profissão tanto sua razão de existir quanto suas angústias. Sua ansiedade, marcada pelo medo de fracassar, espelha as próprias incertezas de Henry diante da docência.

Enquanto essas relações se desenvolvem, o filme apresenta episódios que reforçam o colapso institucional, alguns dos quais analiso mais adiante: um aluno é flagrado por Barthes espancando um gato até a morte; Meredith, invisibilizada em casa e na escola, denuncia em sua redação anônima o suicídio sem que as pistas sejam devidamente capturadas por Barthes; a morte de um professor é recebida com alívio por seus pares; a professora de matemática é humilhada por uma mãe que estimula o comportamento desrespeitoso da filha; um pai recorre a um possível diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH) do filho para justificar sua indisciplina, jogando toda a responsabilidade da educação e disciplina sobre a escola; uma reunião de professores encontra-se esvaziada, entediante, tensa e ineficiente; várias cenas cotidianas dos diferentes personagens retratam que seus problemas ultrapassam o ambiente

escolar; a psicóloga escolar interpretada por Lucy Liu explode descontroladamente em desabafo diante de uma aluna; seu colega professor (James Caan) suporta a rotina pesada adotando a ironia e a medicalização como subterfúgios; um professor invisibilizado (Tim Blake Nelson) parece um fantasma vivo da desvalorização docente; e um evento voltado aos pais acaba completamente negligenciado, sem que nenhum deles compareça à escola e culmina no suicídio de Meredith, chancelando o desmoronamento metaforicamente sinalizado pela cena final, que remete à obra de Edgar Allan Poe. Esses fragmentos compõem um mosaico de decadência, em que cada personagem ilustra uma dimensão da falência educacional e humana.

O passado de Henry irrompe na narrativa por meio de lembranças e gatilhos. O momento mais intenso ocorre quando a colega o acusa de conduta inapropriada ao vê-lo conversando com Meredith, que o procura em busca de ajuda — situação que o remete de imediato às memórias do avô abusador e da morte da mãe. É possível inferir que a cena revela seu maior pesadelo: ser confundido com aquilo que mais odeia. No entanto, o filme contrapõe esse trauma aos cuidados que Henry tem com o avô, hospitalizado, e ao momento em que o acompanha em seu leito de morte. Apesar de tudo, ele o trata com ternura, permitindo-lhe partir em paz, numa tentativa de, talvez, interromper o ciclo da violência presenciada em relação à mãe.

O clímax do filme ocorre com o suicídio de Meredith no evento da escola, tornando-se o emblema da incapacidade da escola de reconhecer talentos e acolher fragilidades. A tragédia da aluna dá corpo à crise de uma instituição que, corroída por dentro, já não consegue cumprir sua função de cuidado e formação. Pouco depois, o filme conduz a um respiro: Henry, que havia acolhido temporariamente em sua casa Erica, mas que a entrega aos cuidados sociais por não se entender capaz de cuidar dela, visita-a na instituição para menores, e o abraço entre ambos, registrado em câmera lenta, sugere uma abertura para a redenção possível, ainda que mínima, na construção de vínculos afetivos do personagem.

A narrativa, porém, não se encerra nessa cena. Em sua última fala, Barthes cita *A Queda da Casa de Usher*, de Allan Poe (2010), estabelecendo uma poderosa metáfora entre o castelo em desmoronamento e a própria escola, mostrada em imagens finais como ruína física e simbólica. O caos manifesto em desordem física representa a crise do sistema educacional e, em um plano mais íntimo, a dos sujeitos que nele operam, como o próprio personagem enfatiza em sua aula, fragmentados por uma estrutura que desmorona sobre si mesma.

3 Personagens invisíveis: literatura, sofrimento psíquico e a escola fragmentada

Resumida a obra, cabe uma análise mais detalhada de alguns personagens, a começar pelo próprio protagonista. Henry Barthes é o que se pode chamar de anti-herói. Como já

ênfatisado, longe da figura redentora comum a outros filmes escolares, ele encarna a tensão entre empatia e distanciamento. Carrega em si os traumas familiares — a violência do avô, o suicídio da mãe — transformando-os em barreira para vínculos duradouros. Ao mesmo tempo, não consegue evitar gestos de cuidado, sobretudo com Meredith e Erica, tornando-se uma figura, por assim dizer, paradoxal: profundamente sensível, o que transborda em seu choro, no ônibus, ao conhecer Erica; mas sempre pronto a recuar para não se perder no afeto, o que se escancara na impactante cena em que ele aciona o serviço social, que arranca Erica de sua casa. Sua função simbólica é representar o docente atravessado por dilemas existenciais, cujo trabalho revela tanto potência quanto impotência diante de um sistema em colapso, mas também evidencia crises íntimas e questões particulares que ultrapassam a dimensão estrutural.

Meredith simboliza a invisibilidade estudantil. Aluna inteligente e artisticamente talentosa, tem suas habilidades sufocadas pela rejeição, pela indiferença institucional e pelo *bullying* que sofre. Sua arte revela uma subjetividade profunda, mas sua crise existencial a conduz à tragédia. Além disso, a relação com o pai intensifica sua dor: ele a rejeita de forma explícita por não corresponder ao estereótipo de filha idealizado — magra, feminina, adaptada — e a enxerga apenas por suas faltas, ignorando sua sensibilidade e seu talento. Nessa intersecção entre violência familiar e negligência escolar, Meredith representa todos os estudantes cujos potenciais não encontram espaço de florescimento, tornando-se vítimas de múltiplas formas de exclusão. Sua morte é a metáfora mais contundente da crueldade dos padrões sociais que aprisionam os jovens.

Erica, por sua vez, encarna a exclusão social extrema. Adolescente em situação de rua e de prostituição, ela encontra em Henry uma figura rara de acolhimento sem interesses sexuais. A relação entre ambos, conforme já mencionado, não é a de salvação, mas de respiro: um espaço em que o professor experimenta a possibilidade de vínculo e, ao mesmo tempo, projeta algo da ausência materna que o marcou. Erica simboliza a humanidade que resiste, mesmo em meio à marginalidade e à rejeição social, e funciona como contrapeso ao desespero de Meredith. Em seus sentimentos confusos em meio ao acolhimento de Barthes, Erica é um personagem que se transforma ao longo da trama, desabrochando e conseguindo fazer emergir a inocência antes abafada por sua condição precarizada de vida.

A diretora, mergulhada em sentimentos de fracasso pela emergente substituição, representa a impotência administrativa diante de um sistema que cobra resultados estatísticos sem oferecer condições reais de transformação. Seu esgotamento e posterior afastamento marcam a falência da gestão escolar como espaço de decisão autônoma, que transborda o universo profissional e impacta sua relação pessoal, afetada por seu sofrimento extremo.

A psicóloga escolar, interpretada por Lucy Liu, traduz a chamada “fadiga de compaixão”. Joinson (1992) define fadiga da compaixão como um estado psicológico de exaustão emocional e desgaste na empatia que afeta profissionais que se expõem repetidamente ao sofrimento de outros, manifestando-se em irritabilidade, apatia e falta de motivação. A explosão da psicóloga escolar diante de uma aluna, em que desabafa toda a sua frustração e impotência acumulada, revela o limite humano de profissionais cujo trabalho depende do cuidado emocional em contextos de violência e abandono. Sua função simbólica é mostrar que mesmo aqueles que deveriam ser a “escuta” da escola podem ruir quando não encontram suporte emocional e institucional.

O professor invisibilizado, vivido por Tim Blake Nelson, é uma presença quase fantasmagórica, o que se revela na cena em que ele se espanta profundamente ao ser “enxergado” por Barthes. Ignorado pelos alunos, pelos colegas, pela instituição e em casa, pela família, ele se torna metáfora do adoecimento silencioso que atinge tantas pessoas. Sua solidão expressa a despersonalização do trabalho docente, reduzido a uma função mecânica sem reconhecimento, mas também reflete a invisibilidade que atravessa sua vida privada, já que nem mesmo no espaço familiar ele encontra escuta ou pertencimento.

A despersonalização, no contexto do *burnout* docente, corresponde a uma atitude de distanciamento emocional em relação ao trabalho e às pessoas atendidas, segundo Koga *et al.* (2015). O professor passa a interagir com os alunos de forma fria, indiferente ou cínica, tratando-os mais como objetos ou números do que como indivíduos, o que reflete um mecanismo de defesa diante do estresse contínuo da profissão. Esse conceito dialoga diretamente com as cenas de despersonalização em *Detachment*, como o professor invisibilizado ou o docente desconsiderado pelos pares, reforçando a ideia de que a escola está não apenas falhando institucionalmente, mas ferindo emocionalmente aqueles que nela atuam.

Já o professor interpretado por James Caan, sustentado por comprimidos e ironia amarga, representa a medicalização como estratégia de sobrevivência. Seu sarcasmo é defesa contra o esgotamento, e os remédios, “pílulas da felicidade”, como ele mesmo nomeia, são símbolo da normalização da dor psíquica no ambiente escolar e na vida. Ele condensa a lógica de um sistema que, em vez de cuidar de seus profissionais, exige deles resiliência química e cinismo como formas de suportar o insuportável.

Feita a análise dos personagens centrais, cabe a análise de algumas cenas relevantes da trama. Uma das mais emblemáticas do início do filme é a morte de um professor desprezado pelos colegas, intercalada com a animação em giz que mostra crianças conduzindo adultos em coleiras e chutando-lhes os traseiros. O cinismo com que a notícia da morte é recebida talvez

explicita a banalização da docência e a desumanização que corrói a escola, mas também revela a crítica de professores à postura reacionária do colega falecido. Esse professor, um homem negro que se sentia constantemente ferido e indignado com o estado da educação, era associado a uma figura quase caricatural de autoritarismo: pregava que os jovens já não tinham mais jeito, defendia a retirada de autores como Steinbeck e Faulkner do currículo e exibia uma postura de intolerância que o tornava tóxico aos olhos dos colegas.

Retirar John Steinbeck e William Faulkner do currículo básico revela um equívoco profundo, pois ambos são pilares da literatura norte-americana e oferecem perspectivas essenciais à formação crítica dos jovens. Steinbeck (2005; 2022; 2023), em *As vinhas da ira*, *Ratos e homens* e *A Leste do Éden*, denuncia desigualdade, migração e luta pela dignidade humana em narrativas socialmente engajadas. Faulkner (2009; 2017; 2021), por sua vez, em obras como *O som e a fúria*, *Enquanto agonizo* e *Luz em agosto*, revoluciona a narrativa literária com fluxo de consciência, múltiplas perspectivas e uma reflexão aguda sobre raça, memória e violência no Sul dos Estados Unidos. Suprimir esses autores equivaleria a amputar do currículo a formação crítica dos jovens, reduzindo a escola a espaço de adestramento, o que a direção do filme associa simbolicamente aos trechos em giz e ao imaginário nazista em *flashes* de Hitler.

No Brasil, a exclusão de autores como Graciliano Ramos (2024), Carolina Maria de Jesus (2015) ou Machado de Assis (2014) da formação de estudantes do Ensino Médio teria efeito semelhante: significaria apagar vozes que denunciam a pobreza, a violência estrutural e o autoritarismo das instituições. Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos expõe a desumanização provocada pela seca e pela miséria; Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, revela com contundência a experiência da fome e da marginalidade urbana; e Machado de Assis, em *O alienista*, satiriza o poder arbitrário da ciência e da política. Retirá-los do currículo seria mutilar a formação crítica dos estudantes, privando-os de compreender, em sua própria realidade, as contradições sociais que atravessam a história brasileira.

Nesse sentido, a animação em giz atua como metáfora visual poderosa: a inversão dos papéis — crianças domesticando adultos — traduz a percepção distorcida do professor sobre a perda da autoridade, ao mesmo tempo em que o representa como cão raivoso, incapaz de elaborar sua dor de outro modo que não pela violência simbólica, entendida aqui nos termos de Bourdieu (1989) como a imposição de significados e formas de dominação naturalizadas no cotidiano escolar. Sua morte, tratada com alívio pelos colegas, é a culminância de um processo de isolamento e invisibilização, mostrando que, ainda que reativo, ele também era vítima de um sistema falido. Retrá-lo em todas essas camadas é fundamental porque sua presença revela a complexidade da ruína educacional: ao mesmo tempo em que denuncia o caos do sistema,

evidencia que respostas autoritárias, por mais que prometam ordem, apenas aprofundam a crise e corroem a possibilidade de uma educação humanizadora.

A crueldade explícita surge na cena em que um aluno é flagrado espancando um gato até a morte. A brutalidade do gesto sinaliza que a violência atravessa não apenas os discursos, mas os corpos. O modo como a escola lida com a situação, na conversa entre a psicóloga e os pais, sinalizando o perfil possivelmente sociopata do adolescente, mostra alguma eficiência nos procedimentos de encaminhamento, sugerindo que mesmo em ruínas existem tentativas de manter protocolos mínimos de cuidado. É um momento que revela, simultaneamente, os limites e as resistências possíveis.

Outro momento de importância no enredo é a aula em que Henry Barthes apresenta o conceito de *duplopensamento* de George Orwell (2009), extraído da obra *1984*. A dublagem não capta a referência, levando à tradução do termo *doublethink* registrado no quadro como *incoerência*. Os leitores de Orwell sabem, contudo, que o conceito é muito mais amplo: em *1984*, trata-se da habilidade de aceitar simultaneamente duas crenças contraditórias como verdade, que vai além da mera incoerência, tornando-se um mecanismo central para a manipulação política e para o controle ideológico. Ao trazer esse conceito para a sala de aula e exemplificá-lo com a objetificação das mulheres, Barthes não apenas traduz uma abstração literária em experiência cotidiana, mas evidencia como a cultura também normaliza contradições que ferem a dignidade humana.

Rompe, assim, com a apatia estudantil ao expor a dissonância entre discurso e prática. Para a maior parte da turma, a fala é desconfortável, mas em Meredith ressoa profundamente: sua condição de invisibilidade e a dor de não ser reconhecida encontram eco na denúncia da incoerência cultural. O que Barthes oferece na aula não é uma lição curricular, mas uma brecha de emancipação, ainda que momentânea, capaz de revelar a contradição estrutural entre discurso e prática.

Caminhando para o final da longa-metragem, Meredith entra em sala e mostra a Barthes, que se encontra sozinho, uma de suas obras, em que o retrata como um homem sem rosto em uma sala vazia. Mais do que representar o professor, o desenho projeta sua própria experiência de invisibilidade. O homem sem rosto é tanto Henry — professor transitório, melancólico — quanto ela mesma, apagada em suas diferentes esferas de relacionamento. O vazio da sala funciona como tradução visual da solidão que ambos compartilham. É uma arte que comunica aquilo que a linguagem verbal não daria conta: a experiência de existir sem ser reconhecida. Na cena, Barthes percebe o grito silencioso de socorro de Meredith, que, em extrema carência, o abraça buscando conforto emocional. Desconfortável com a situação, entretanto, em uma

cultura na qual o toque físico não é estimulado, especialmente em contextos hierárquicos e institucionais, Barthes tenta se desvencilhar da situação, ao que Meredith projeta como rejeição, dado seu histórico conturbado.

O filme atinge um de seus pontos mais dolorosos quando a professora de matemática entra na sala e interpreta a conduta de Henry de forma equivocada, ao ver Meredith fugindo em meio a prantos. Esse instante, como já relatado, desencadeia nele um gatilho traumático: a lembrança do avô abusador e da mãe levada ao suicídio. Para Henry, ser confundido com aquilo que mais repudia é intolerável, pois ameaça sua identidade ética.

Em contraste a toda a tensão dessas cenas, somadas à própria cena do suicídio, também bastante simbólica por ter ocorrido em um evento escolar, outra propõe um refrigério: a cena do abraço, já mencionada, entre Henry e Erica. Não se trata da salvação coletiva, mas da lembrança de que vínculos humanos ainda podem existir. Erica representa a possibilidade de reparação mínima, ainda que precária, e Henry encontra nela uma forma de se permitir presença afetiva sem medo.

O desfecho se intensifica com a referência de Henry à obra *A Queda da Casa de Usher*, de Edgar Allan Poe, também já citada. A sobreposição entre sua fala e as imagens da escola destruída cria uma metáfora brutal: assim como o castelo de Poe, corroído por dentro até desabar, também a escola — e, em escala maior, o sistema educacional — se autodestrói. Como já analisado, a ruína não é apenas física, mas simbólica, revelando a falência estrutural da instituição e de todos que nela atuam. Tony Kaye, ao recusar a catarse otimista típica dos dramas escolares, radicaliza a crítica: a escola pode não ser um espaço de redenção, mas de colapso inevitável. Ainda assim, ao inserir o abraço com Erica pouco antes desse fim, o diretor lembra que, mesmo em meio às ruínas, lampejos de humanidade podem resistir.

4 A escola em ruínas: psicologia e a crise da educação

Como bem lembra Figueira (2020) em sua resenha, o filme dialoga indiretamente com ideias de Nietzsche, quando a narrativa recusa leituras dualistas entre bem e mal. A docência não é retratada como heroísmo absoluto nem como fracasso total, mas como prática atravessada por contradições, situada “além do bem e do mal”. Do ponto de vista pedagógico e psicológico, essa perspectiva é fundamental: compreender os sujeitos escolares em sua complexidade, sem reduzi-los a categorias moralizantes. O professor exausto não é “fraco”, assim como o aluno agressivo não é apenas “mau”; ambos expressam efeitos de um contexto social e institucional adoecido.

Hannah Arendt (2011), em seu ensaio *A crise na educação*, lembra que os impasses da escola não podem ser resolvidos pela ação isolada de indivíduos, mas são expressão de uma crise mais ampla da modernidade. *Detachment* encena exatamente isso: nem mesmo um professor competente e sensível como Barthes é capaz de deter o processo de deterioração, porque a crise não é pessoal, é estrutural. Esse ponto é especialmente relevante para a Psicologia Educacional, uma vez que não cabe responsabilizar exclusivamente o professor ou o aluno, mas compreender que o sofrimento psíquico emerge de condições institucionais e sociais que ultrapassam a esfera individual.

Nesse contexto, a defesa da leitura de autores como Steinbeck e Faulkner assume valor simbólico. Quando um professor morto é lembrado por querer retirar esses nomes do currículo, a crítica implícita é à censura e ao empobrecimento cultural. A Psicologia Escolar reconhece que a formação crítica dos adolescentes depende não apenas de apoio emocional, mas também do contato com obras que ampliem horizontes de reflexão. Privar os jovens dessa experiência é reforçar sua vulnerabilidade simbólica — expressão de uma violência simbólica nos termos de Bourdieu (1998) —, deixando-os mais suscetíveis às manipulações e incoerências que o filme denuncia.

A leitura freudiana do *mal-estar na civilização* também contribui para a análise do filme. Para Freud (2011), a vida em sociedade exige renúncias pulsionais que geram frustração e sofrimento, mas a ausência de regulação também conduz à barbárie. Em *Detachment*, os dois polos aparecem: de um lado, a repressão que implode na figura da conselheira escolar ou do professor invisível; de outro, a violência crua do aluno que espanca o gato até a morte. Ambos os extremos denunciam uma sociedade em que o equilíbrio entre pulsão e cultura se rompeu.

Por fim, a Psicologia Escolar contemporânea nos lembra que, em contextos assim, é fundamental que a escola disponha de protocolos claros de encaminhamento e acolhimento. Como destaca o relatório apresentado por Kokai *et al.* (2021), a atuação do psicólogo escolar é essencial não apenas no apoio direto a estudantes em sofrimento, mas também na articulação de redes intersetoriais que garantam intervenções consistentes e de longo prazo. Em *Detachment*, contudo, vemos a fragilidade dessas tentativas: ainda que haja ações pontuais de contenção, como no caso do aluno com perfil sociopata, a ausência de uma rede sólida impede resultados duradouros. A lição que fica é que a escola, para além de seus conteúdos, é território de saúde psíquica e de socialização, e falhar nesse papel significa expor estudantes e docentes a um mal-estar que pode se transformar em tragédia.

Dessa forma, o filme não é apenas um drama psicológico escolar, mas uma obra que articula filosofia, literatura, pedagogia e psicologia para revelar a complexidade da crise

educacional contemporânea. Ao costurar em sua obra todas as referências que traz, Tony Kaye transforma a escola em palco de um drama coletivo, onde as dores individuais são inseparáveis da falência institucional. A Psicologia Escolar encontra, nessa trama, um espelho de seus maiores desafios: compreender, acolher e encaminhar, mesmo quando a estrutura parece fadada à ruína.

O diferencial de Tony Kaye em *Detachment* está, assim, na recusa às fórmulas convencionais de narrativas escolares, sobretudo aquelas que apostam na figura do professor como herói redentor. A direção se destaca pelo uso de metáforas visuais e pela construção de uma poética do desencanto. Ao combinar realismo cru e inserções quase oníricas, Kaye produz uma experiência estética que incomoda e emociona ao mesmo tempo, rompendo com o conforto da catarse e propondo ao espectador um mergulho em zonas de desconforto.

O impacto emocional do filme reside justamente na constatação de que não há solução fácil, nem redenção coletiva, mas sinais de humanidade que resistem em meio ao caos. O trágico convive com o respiro, e a melancolia não impede que o espectador reconheça a possibilidade de alguma esperança.

Ao aproximarmos a narrativa do contexto brasileiro, percebemos semelhanças e diferenças. Assim como nos Estados Unidos, a escola pública no Brasil enfrenta pressões ligadas a índices de desempenho e avaliações externas, que muitas vezes deslocam o foco do processo formativo para metas estatísticas. Da mesma forma, professores sobrecarregados, alunos em vulnerabilidade social e estruturas físicas precárias são realidades conhecidas em nosso cotidiano.

O distanciamento, porém, aparece na intensidade do cinismo institucional retratado no filme, que pode soar exagerado em relação à realidade brasileira, onde, apesar das dificuldades, ainda há projetos pedagógicos consistentes, práticas de acolhimento e políticas de inclusão que funcionam como resistência. *Detachment*, nesse sentido, radicaliza o colapso para potencializar a denúncia, enquanto no Brasil a experiência escolar se mostra mais heterogênea, mesclando ruínas e iniciativas criativas.

A escola, tanto no filme quanto em nosso contexto, aparece como microcosmo do colapso social: espaço de adoecimento, mas também lugar de resistência mínima. A Psicologia Escolar ajuda a compreender esse duplo movimento, lembrando que, mesmo em condições adversas, pequenos gestos de reconhecimento e acolhimento podem significar a diferença entre a invisibilidade e a possibilidade de vida.

Considerações finais

O retorno à epígrafe de Albert Camus, que abre o filme, permite fechar a análise: “*E nunca me senti tão profundo e ao mesmo tempo tão alheio de mim e tão presente no mundo*”. A frase traduz a condição de Henry Barthes e dos demais personagens, mas também ressoa na docência brasileira, tantas vezes vivida como experiência paradoxal — marcada por consciência e dor, por deslocamento e presença inevitável no mundo. Essa ambivalência constitui o núcleo de *Detachment* e explica sua força como obra de denúncia e reflexão: Kaye transforma a escola em palco de uma tragédia existencial e social, mas também lembra que, mesmo em meio às ruínas, lampejos de humanidade impedem que tudo se reduza ao nada.

Referências

- ARENDDT, Hannah. A crise na educação [Ensaio]. ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ASSIS, Machado. **O alienista**. [s.l.]: Penguin-Companhia, 2014.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026. Institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 4, 11 mar. 2026. Disponível em: https://memoria2.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/23142775. Acesso em: 20 abr. 2026.
- DEE, Thomas S.; JACOB, Brian A. The Impact of No Child Left Behind on Students, Teachers, and Schools. **Brookings Papers on Economic Activity**, v. 2009, n. 2, p. 149-207, 2010. Disponível em: <https://edpolicy.umich.edu/research/other-reports/impact-no-child-left-behind-students-teachers-and-schools?> Acesso em 17 set. 2025.
- FAULKNER, William. **Enquanto agonizo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- FAULKNER, William. **Luz em agosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- FAULKNER, William. **O som e a fúria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FIGUEIRA, Felipe. Resenha do filme “O substituto”. **Jornal Noroeste**. abr. 2020. Disponível em: <https://jornalnoroste.com/pagina/colunas/resenha-do-filme-o-substituto> Acesso em: 17 set. 2025.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. [s.l.]: Penguin-Companhia, 2011.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2015.
- JOINSON, C. Coping with compassion fatigue. **Nursing**. v. 22, n. 4, p. 116-120, abr. 1992.
- KAYE, Tony (Direção). **American History X**. Produção: John Morrissey. Roteiro: David McKenna. Elenco: Edward Norton; Edward Furlong; Beverly D’Angelo; Jennifer Lien; Ethan Suplee; Fairuza Balk. Estados Unidos: New Line Cinema, 1998. 119 min.
- KAYE, Tony (Direção). **Detachment** [Filme]. Roteiro: Carl Lund. Elenco: Adrien Brody; Marcia Gay Harden; Christina Hendricks; William Petersen; Tim Blake Nelson; Betty

- Kaye; Sami Gayle; Lucy Liu; James Caan. Estados Unidos: Tribeca Films, 2011. 100 min.
- KOGA, G. K. *et al.* Fatores associados a piores níveis na escala de *Burnout* em professores da educação básica. **Cad. Saúde Colet.**, v. 23, n. 3, jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201500030121> Acesso em 17 set. 2025.
- KOKAI, Maria *et al.* **The role of school psychology in the mental health care of children and youth in Ontario**. Toronto: Ontario Psychological Association, 2021. Disponível em: <https://www.psych.on.ca/getmedia/dc7b7b7e-e4fa-4a1a-926b-4eb34362b11e/School-Psychology-in-Mental-Health-Care.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.
- MONTERO, M. **Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- ORWELL, George. **1984**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- POE, Edgar Allan. A queda da casa de Usher. POE, Edgar Allan. **Contos fantásticos**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 85-104.
- POLAŃSKI, Roman (Direção). **O Pianista** (*The Pianist*). Produção: Roman Polański, Robert Benmussa, Alain Sarde. Roteiro: Ronald Harwood, baseado no livro de Władysław Szpilman. Elenco: Adrien Brody; Thomas Kretschmann; Frank Finlay; Maureen Lipman; Emilia Fox. EUA; França; Alemanha; Polônia; Reino Unido: R.P. Productions, 2002. 1 DVD (150 min), son., color.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. [s.l.:] Principis, 2024.
- ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Protocolo de uso ético da IA e meta-autoria: como usar inteligência artificial na escrita acadêmica sem perder a autoria**. [s.l.:s.n.], 2026. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mixv>. Acesso em 27 abr. 2026.
- SOUSA, E. A. de. Silvia Lane: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. **Temas em Psicologia**, n. 1, v. 17, p. 225-245, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751433018.pdf> Acesso em 22 ago. 2025.
- SOUZA, M. P. R. de *et al.* (Orgs.) **Ignacio Martín-Baró em diálogo: contribuições para os estudos latino-americanos**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2024.
- STANDING, Guy. **O precarizado: a nova classe perigosa**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- STEINBECK, John. **A leste do Éden**. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- STEINBECK, John. **Ratos e homens**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

Resumo: O artigo analisa o filme *Detachment – O substituto* – (2011), de Tony Kaye, tomando a escola como metáfora de uma crise social e existencial marcada pela ausência de vínculos e pela melancolia docente. Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo articula contribuições da Psicologia Escolar e Educacional com a Filosofia e a Literatura, mobilizando diferentes autores. O enfoque recai sobre o mal-estar docente, a despersonalização (KOGA *et al.*, 2015) e a fadiga da compaixão (JOINSON, 1992), bem como sobre a violência simbólica

(BOURDIEU, 1989) e a precarização (STANDING, 2017). A análise demonstra que a trajetória do protagonista Henry Barthes, professor substituto, encarna tanto traumas pessoais quanto os limites estruturais da escola contemporânea. Cenas emblemáticas — como o suicídio da aluna, a explosão da psicóloga e a invisibilidade do colega professor — expõem dimensões do sofrimento psíquico e institucional. Conclui-se que Tony Kaye se recusa a uma narrativa redentora dos dramas escolares hollywoodianos e, em seu lugar, oferece uma poética do desencanto.

Palavras-chave: Psicologia Escolar. Despersonalização. Fadiga da compaixão. Precarização.

Abstract: This article analyzes the film *Detachment* (2011), by Tony Kaye, taking the school as a metaphor for a social and existential crisis marked by the absence of bonds and by the melancholy of teaching. From a theoretical-methodological perspective, the study articulates contributions from School and Educational Psychology with Philosophy and Literature, drawing on multiple authors. The focus is on teacher malaise, depersonalization (KOGA *et al.*, 2015), and compassion fatigue (Joinson, 1992), as well as symbolic violence (BOURDIEU, 1989) and precarity (STANDING, 2017). The analysis demonstrates that the trajectory of Henry Barthes, a substitute teacher, embodies both personal trauma and the structural limits of the contemporary school. Emblematic scenes — such as the student's suicide, the psychologist's outburst, and the invisibility of a fellow teacher — expose dimensions of psychic and institutional suffering. It is concluded that Tony Kaye refuses the redemptive narrative typical of Hollywood school dramas, offering instead a poetics of disenchantment.

Keywords: School Psychology. Depersonalization. Compassion fatigue. Teacher precarity.

Recebido em: 5/5/2026.

Aceito em: 29/5/2026.